



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O CUCO A PÊGA E A POUPA

POR JOSÉ AUGUSTO DO VALE
DESENHOS DE A. CASTANÉ

COMO é do conhecimento de todos, o Cuco é um *figurão* que nunca teve ninho ou — como se costuma dizer — uma *vivenda*. Portanto, sentindo-se êle escárneci-

do pelas outras aves que o trocavam como vadio e perdulário, resolveu, um dia, fazer uma casa, para o que chamou duas criaturas, muito entendidas e desembaraçadas em obras. Estas duas criaturas eram a Pêga e a Poupa.

Dadas, por consequência, as medidas, mandou construir as paredes da casa, quando já tinha as vigas, as ripas e os barrotes serrados; isto é, o madeiramento todo pronto.

Depois da trave assente, que, ainda assim, tinha sido cortada com um certo rigor de medida, começaram a querer pregar os barrotes. Mas havia nêles um pequeno engano. Experimentaram o primeiro. E o Cuco, inteligente como era, tendo a vista muito mais aguda do que a Pêga e a

Poupa, disse logo: — «*E curto... é curto... é curto...*».

A Pêga, que não queria ficar rebaixada, porque tinha dirigido a serragem da madeira, respondia para o Cuco: — «*Chega-chega... chega-chega... chega-chega...*».



A Poupa, que estava em cima da parede, muito perfilada, não querendo ficar mal com qualquer das partes, ia sempre dizendo: — «*Por tão pouco... por tão pouco... por tão pouco...*».

Levantou-se, por fim, uma questão acirrada entre o Cuco e a Pêga, como responsável pela serragem da madeira. O Cuco, á medida que ia apontando cada um dos barrotes, dizia, sempre: — «*E curto... é curto... é curto...*».

A Pêga, teimosa como era, para manter a sua primeira opinião, respondia: — «*Chega-*

chega... chega-chega... chega-chega...».

A Poupa, então, para acalmar os ânimos, con-

(Continúa na 3.ª página)



ASTUCIOSA LEMBRANÇA

POR ZALEBE
DESENHOS DE CASTANÉ

A Ti-Maria Nabiça era uma velhota que, apesar-dos anos já lhe terem polvilhado a sua cabeleira, com mais sal e menos pimenta, mostrava-se, no entanto, ainda robusta e bastante astuciosa, devendo dizer-se, também, que possuía um génio deveras iracundo, o que lhe dava motivo, algumas vezes, a tornar-se vingativa.

Vivia só, numa casita em sua horta, sendo esta muito abundante em arvoredos, o qual, na época própria, produzia magníficos frutos.

Era, precisamente, nessa ocasião que a velhota vivia cheia de cuidados e em constante flagelo, em virtude dos garotos lhe assaltarem a horta, destruindo-lhe e papando os melhores frutos.

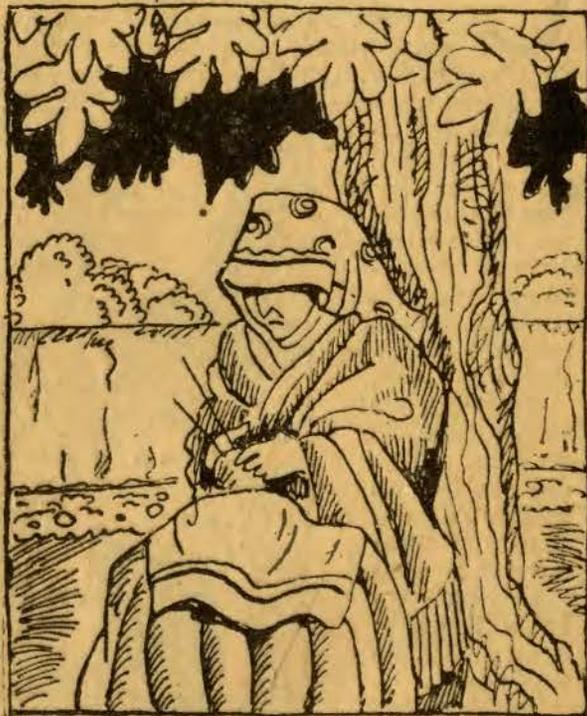
Para evitar este abuso, que se lhe manifestava

truidor. Desta forma a Ti-Maria Nabiça, atendendo ao seu temperamento irascível muito se exasperava e enraivecia, por se ver, assim, ludibriada, por tão audaciosos garotos.

No entanto, ela, confiada na sua prodigiosa



tão prejudicial, tinha ela já empregado os melhores recursos, mas todos resultavam improficuos, continuando os garotos no seu propósito des-



astúcia, no seu íntimo germinava ainda o propósito de se vingarem deles e levá-los de vencida. Assim, depois de muito meditar, resolveu pôr em prática a seguinte lembrança:

Com algumas peças do seu vestuário e o auxílio duma máscara, confeccionou uma grande boneca, em tamanho natural, imitando, quanto possível, a sua própria pessoa.

Empregando o melhor da sua actividade e saber, conseguiu levar a efeito o que tinha imaginado, e quando a julgou nas condições, pegou nela e levou-a para a sombra duma figueira que, ao tempo, estava provida de cobiçosos e maduros

figos. Logo a sentou num banco e lhe colocou um lenço na cabeça. Munida do que julgou conveniente para a adornar, ultimou a sua obra, dando uma impressão fiel de si própria simulando estar fazendo meia.

Nesta atitude a deixou, vindo ocultar-se na casita, mas em sitio donde descortinasse, perfeitamente, tudo que se fôsse passando.

Não tardou em aparecer o bando dos garotos para o seu habitual assalto. Logo, a distância, notaram ali a presença da improvisada Nabiça, que êles tomaram como sendo a verdadeira.

Nesta conformidade não avançaram mais, porém, instigados pelos seus maus instintos desencadearam sobre ela uma saraivada de pedradas, algumas das quais tão certeiras que a derrubaram, ficando, por isso, estendida no chão.

Vendo os garotos que ela se não mexia, e julgando o caso de gravidade, trataram de se pôr em fuga. Contudo, uns trabalhadores que, numa quinta próxima, andavam em serviço e que estavam na sua hora de descanso, tudo observaram. Julgando de verdade ser a dona da horta que ali jazia imóvel, logo os detiveram, indo entregá-los á autoridade. Informada esta do que se tinha passado, mandou que o bando ali ficasse detido, enquanto dois agentes se dirigiram á horta, a fim de fazerem a sindicância do caso. Ao chegarem lá, qual não foi a sua surpresa ao serem recebidos por a Ti-Maria Nabiça, tão fresca e viçosa, como qualquer tenra nabiça antes de ser arrancada da terra.

Ela, então, logo fez constar a maneira como vinha sendo prejudicada com os assaltos dos garotos, e, em seguida, numa narração galhofeira, expôs a forma como tinha pôsto em prática a sua lembrança, e os efeitos que ela tinha sortido. Então, os agentes acharam muita piléria, retirando-se a rir bastante de tão engraçado estrofa-gema.

Chegados que fôram juntos da quadrilha, logo lhe deram uma severa reprimenda, avisando-os de que, se tornassem a assaltar a horta, seriam severamente castigados e pondô-os, em seguida, em liberdade.

Decorridos alguns momentôs, os pais, sabedo-

res do que se tinha passado, applicaram a cada um tão tremenda sova, e com tal rigor, que lhes serviu de lição para jámais assaltarem a horta da Ti-Maria Nabiça que ficou, por êste motivo, radiante de contentamento, bendizendo a hora em



que tinha pôsto em prática a sua astuciosa lembrança que assim deu logar ao sossego do seu espírito, acabando com a sua constante inquietação, e que tanto a prejudicava. Regosijou-se, ao mesmo tempo, por ter contribuido para chamar ao bom caminho aquella «troupe» de mal intencionados que jámais praticaram tão criminosas e condenáveis maldades.

■■■■ FIM ■■■■

O CUÇO, A PÊGA E A POUPA

(Continuação da 1.ª página)

tinuava dizendo: — «Por tão pouco... por tão pouco... por tão pouco...»

O Cuço, em face de tudo isto, aborreceu-se com a obra e nunca mais pensou em fazer casa, entregando a questão aos tribunais. Ora, como a dita questão, até ao presente, nunca foi julgada, é por isso que, ainda hoje, por toda a parte, o Cuço anda dizendo: — «E' curto... é curto... é curto...»

A Pêga continua a teimar: — «Chega-chega...»

chega-chega... chega-chega...». E a Poupa, com intuito de conciliar as partes, ainda hoje continua a dizer: — «Por tão pouco... por tão pouco... por tão pouco...»

Muitas vèzes a desharmonia é proveniente da porfia.

■■■■ FIM ■■■■



**POR MARIA ALDA NEVES
DESENHOS DE A. CASTANE**

Gritos aflitivos de socorro a que se seguiu o toque de alarme das campainhas e sirenes dos carros de bombeiros, puzeram em sobresalto toda a rua.

E' que um violento incêndio devorava o terceiro andar dum prédio dessa rua, pondo em grave perigo a família que nêle habitava, constituída por mulher, marido, uma interessante filhinha de nove anos, a criada, e... um macaco, — o velho Job.

Pressurosos, os bombeiros atacaram, denodadamente, o fôgo, conseguindo em poucas horas extingui-lo.

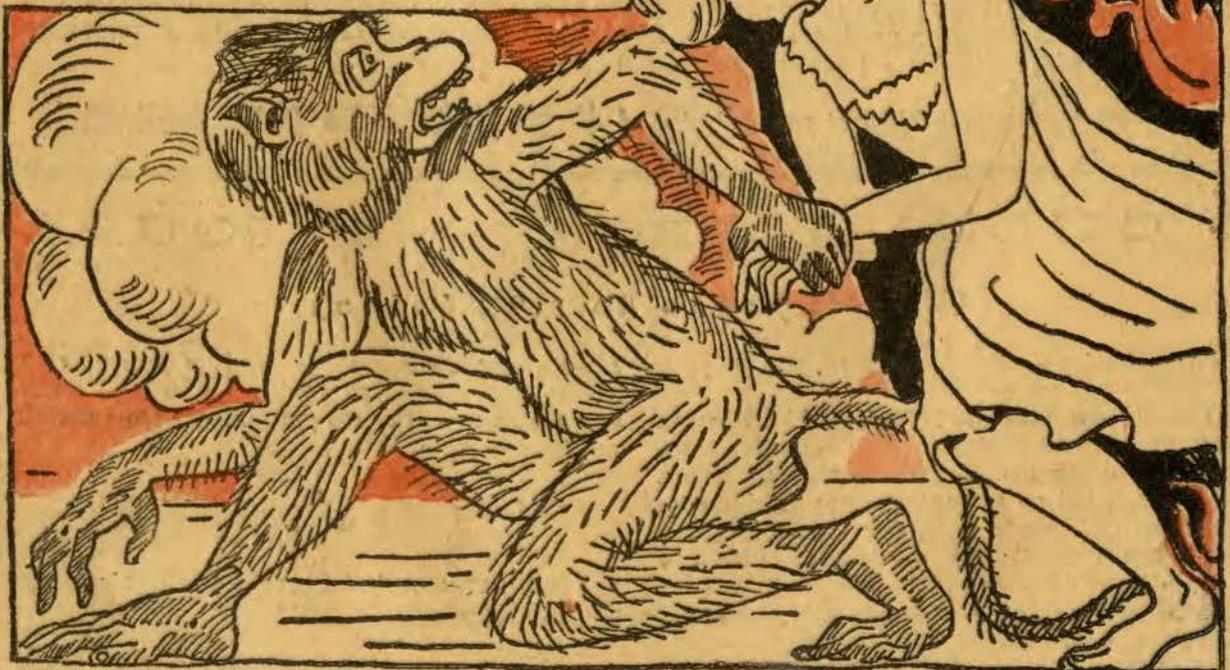
Era, porém, grande a consternação de todos porque desaparecera e, certamente, fôra vítima do incêndio a pequenina Mimi, filha dos dônos da casa incendiada. E, caso curioso, também não aparecia o velho Job, o que a todos surpreendia, pois ninguém acreditava que êle, tão ágil, e bom saltador, se tivesse deixado apanhar pelas chamas.

Era consternador o quadro representado por aqueles pais, que, numa dôr aflitiva, sem igual, pediam suplicantes, o aparecimento da filhinha, numa esperança que só êles alimentavam. Os próprios bombeiros que, com energia e denodo, removiam os escombros, nenhuma esperança tinham, esperando, a cada momento, encontrar o cadáver da pequenina Mimi.

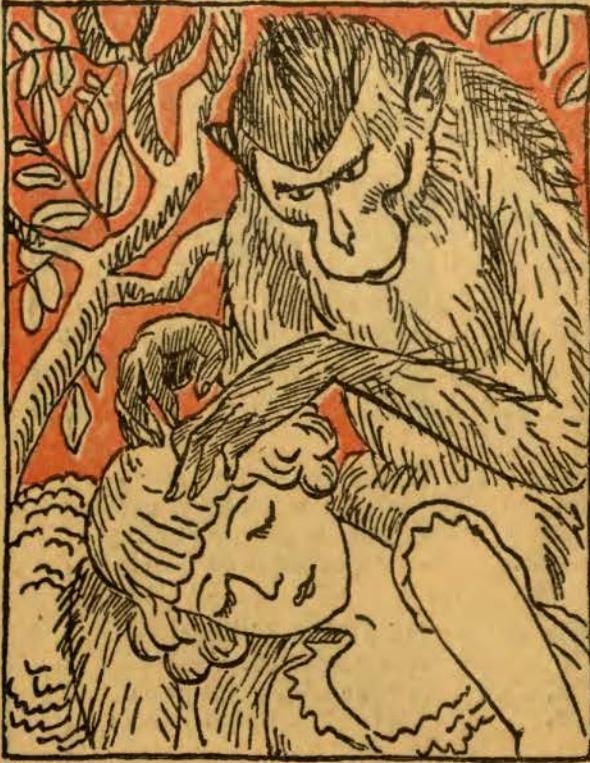
Curiosa coincidência. A Mimi, inimiga irreconciliável do pobre Job, acabara por ter o mesmo destino.

Retrocedamos um pouco:

Um velho africanista, amigo do pai de Mimi, tivêra a infeliz idéa de lhe mandar de Africa, como presente, um belo e corpolento exemplar



de macaco. Este, que se afeiçoara extraordinariamente à Mimi, era por ela, também, muito acarinhado, até que, um dia, apanhando-se sóto; depois de praticar um sem numero de diabru-



ras, acabou por se apossar da casa dos brinquedos de Mimi, inutilizando uma grande parte dêles. Isto fez com que a Mimi passasse a detestá-lo, privando-o até dos habituais cinco tostões de pevides, com que, todos os domingos, o brindava.

No mesmo dia em que se desenrolam os acontecimentos que estamos narrando, o pobre Job apanhára uma tarefa mestra, quando tentava, como de costume, acariciar a Mimi.

O certo é que a todos desagradava o excessivo rigorismo da pequenita, e todos tentavam convencê-la da inconsciência de Job, mas ela batia o pézinho, dizendo que os macacos eram muito inteligentes, e que, se não tivessem cauda e fallassem, seriam tal e qual os homens.

Acabara o pai de Mimi de prometer um valioso prémio a quem lhe descobrisse a filhinha, quando, partindo do quintal, onde ninguém se tinha lembrado ainda de ir, se ouviram os guinchos de Job.

Num pressentimento que os encheu de esperanças, correram os pais de Mimi para o ponto donde partiam os guinchos.

O quadro que então se lhes deparou, era inte-

ressante e comovente: A Mimi desmaiada, descansava a cabecita no colo de Job, que se entretinha alizando-lhe os cabelos.

Expliquemos, em poucas palavras, o que se passara:

O fogo, tivera o seu início perto do quarto de Mimi, que logo fôra invadido pelas chamas. Aos gritos de socorro soltados pela pequenita, Job, num arranco violento, conseguiu quebrar a corrente a que estava prêso, correu para o quarto de Mimi, arrastando-a para o quintal, longe do perigo do incêndio.

Mimi é conduzida para casa de uns vizinhos, e, momentos depois, ao recuperar os sentidos, lembrando-se de tudo, o seu primeiro cuidado é perguntar por Job. A mãe, fingindo-se admirada, pergunta-lhe:—«Para que queres saber de Job, se não gostas dêle?»

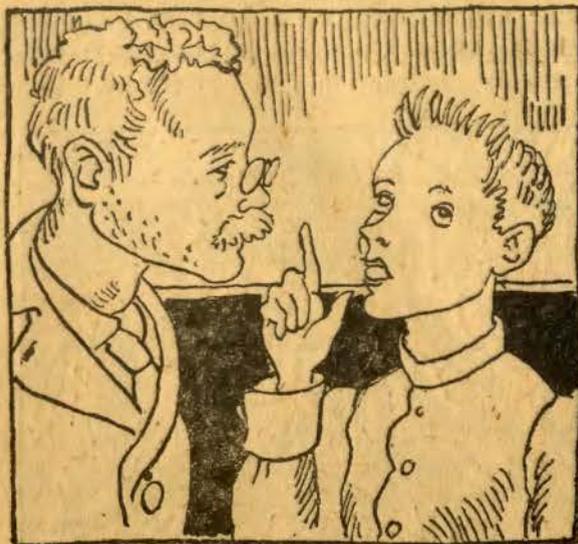
— Gosto, sim, mãizinha; sinto até bastantes remorsos por algumas vezes o ter maltratado, pois sei bem que foi êle quem me salvou do incêndio.



—E' assim mesmo, minha filha. E já agora não esqueças, que não se deve guardar rancôr contra o quer que seja, e que devemos sêr bons e caritativos para com os animais.

O LEÃO

POR MARONIA
DESENHO DE A. CASTAÑÉ



O José Victor Faria,
Que lhes venho apresentar,
Aluno da Casa Pia,
É um cabeça no ar.

Ama tanto o «football»,
Quanto detesta um apupo,
É nada tanto lhe bole
Como um azar do seu grupo.

O José Victor, ingrato,
Não é, como ser devia,
Um amigo intemerato
Do grupo da Casa Pia.

O seu grupo favorito,
Grita-o a plenos pulmões,
É o grupo mais bonito,
É o grupo dos Leões.

Segundo éle o diz demais,
P'ra atrair umas boladas
Não há como o Azinhais,
Como o Jorge ou o Valadas.

Há dias um companheiro
Chamado foi à lição
P'ra dizer, bem e ligeiro,
De que espécie é o leão.

O rapaz atrapalhado,
(Mas tinha grande ciência)
Ficará muito calado,
É cheio de impaciência.

O professor brada logo:
— «Venha o mil e tal, então,
Responder ao que interrogo,
— O que sabes do leão?»

Mil e tal, o Zé Faria,
Não perde a serenidade
E responde, sem que ria,
Com toda a tranquilidade:

— «O leão é o melhor homem,
Mais valente e mais leal,
É todo o que joga bem
Foot-ball em Portugal!»

F I M

Correspondência

Jaime Sampaio d'Andrade — Pode mandar os contos, a que se refere na sua carta, endereçados à redacção do «Pim-Pam-Pum». Se estiverem nas condições serão publicados com ilustrações de Adolfo Castañé.

Melra — O teu entusiasmo pelo nosso suplemento lisongeia-nos muito. Podes mandar tudo que quizeres e, inclusivamente, como dizes, o teu retrato. Se a tua colaboração for aproveitável será publicada sem que tenhas de pagar importância alguma.

M. Odette Leonardo — *Olhão* — No que acima deixo dito, encontrarás, também, a resposta ao teu postal.

Francisco Serodio Pais — Ah grande patife!.. Não tens vergonha de meter a tua foice em seara alheia, assinando contos que não são teus? Merecias um bom puxão de orelhas.

FUTEBOL "PIM - PAM - PUM"

Aos nossos pequeninos leitores em geral e especialmente aos desportistas, damos hoje a boa nova de que, muito brevemente, publicaremos a esteriografia deste interessante jogo que, por certo, vos proporcionará horas de prazer e magnífica distração.

Admiravelmente imaginada esta nova modalidade do conhecido jogo, vai, com certeza, adquirir foros de acontecimento sensacional entre o mundo infantil a que se destina.

Graziela Mendes — Cresce e aparece. Sem longa prática nada se consegue. Não desanimes, pois. Um dia chegará em que verás realizados os teus desejos. A tua ultima produção já acusa progressos.

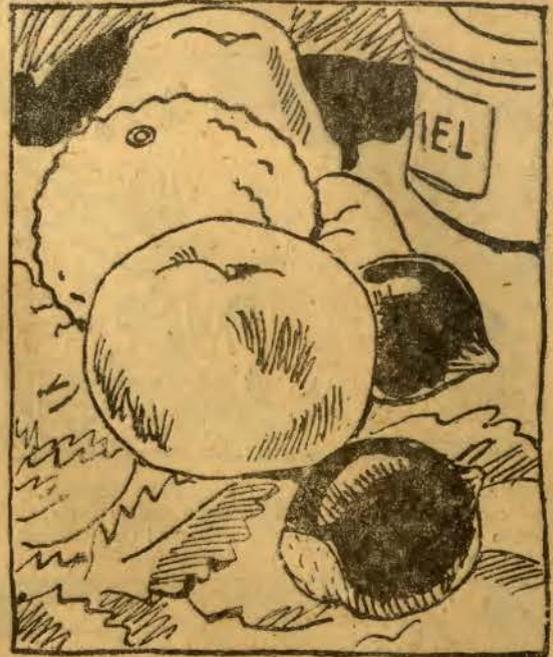
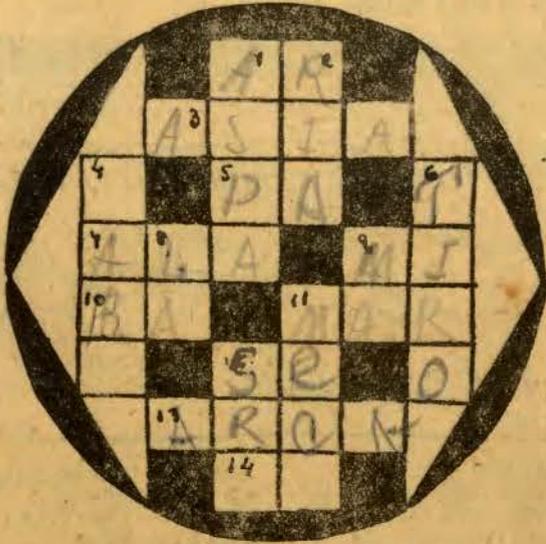
Lembranças a todos do vosso amiguinho.

TIO PAULO

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

A DIVINHA

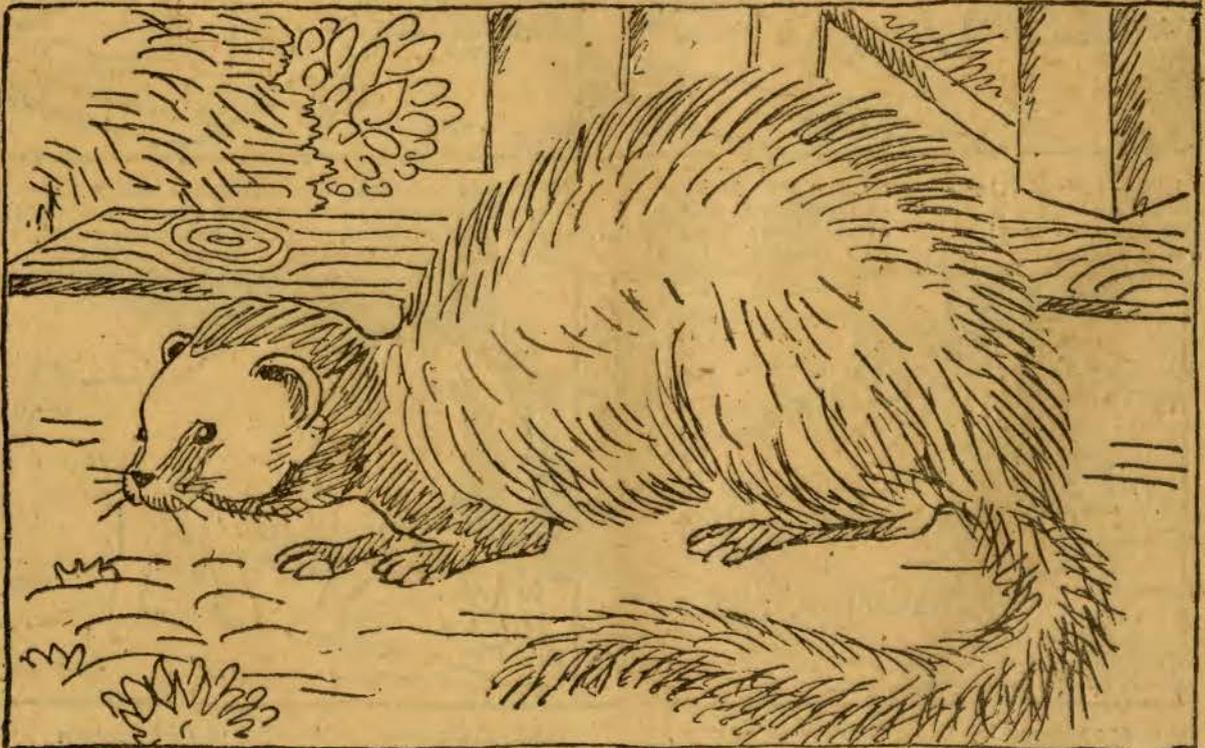


Horizontais: 1—o que respiramos, 2—parte do mundo, 5—objecto de caseiro, 7—fila, 9—nota de musica, 10—animal anfíbio, 11—conjunto de aguas que cingem a terra, 12—catedral, 13—caixa grande, 14—parte mais subtil da terra.

Verticais: 1—asas do moinho, 2—foz por onde o rio desagua, 4—insignia de juiz, 6—arremes, 8—velo de ovelhas, 9—autónimo de boa, 11—verbo, 12 Serviço da Republica Portuguesa (Abr).

Meus meninos: o menino António gosta muito destas guloseimas. Onde estará éle? Vejam se o descobrem.

Para os meninos colorirem



O FURÃO (Fosteriusfuro)

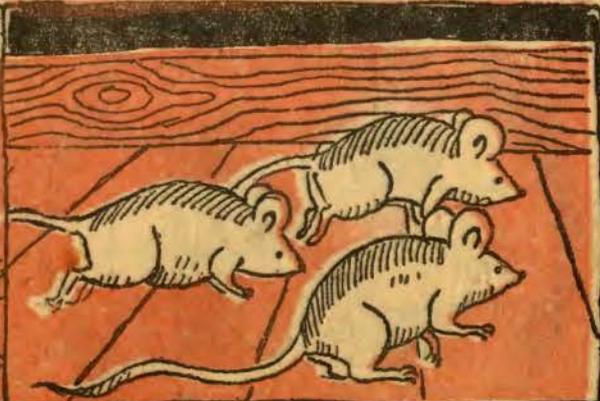
Os quatro saca-rôlhas

POR AUGUSTO DE SANTA RITA
DESENHOS DE A. CASTAÑÉ



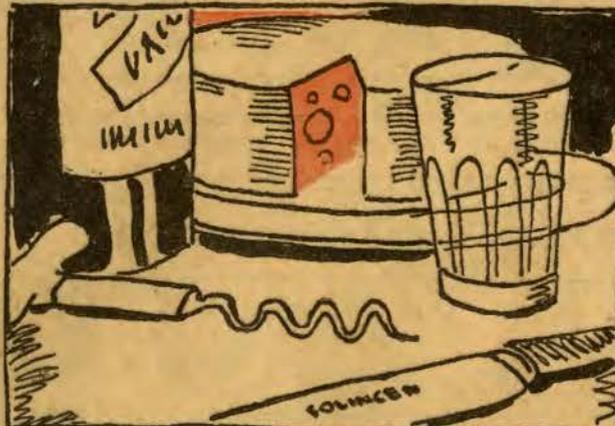
Ratita Ratona era uma ratinha, muito espertalhona, que três filhos tinha.

Os filhos, também, eram muito finos. Pudera! Os meninos saíam à mãe!



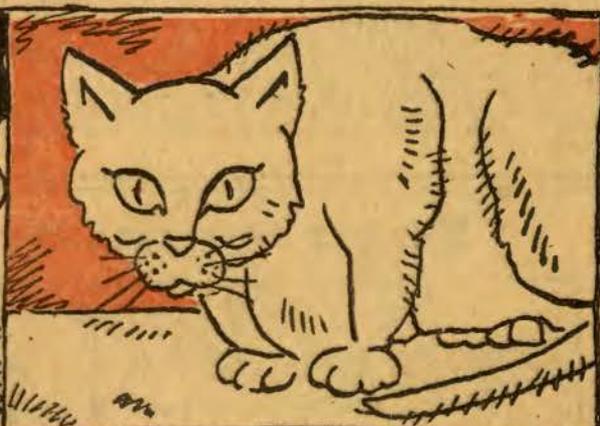
Dava-lhes, pois, ela conselho sensato: — «Meninos, cautela com o mestre Gato!»

Mas vendo um bom queijo em cima da mesa, pensam: — «belo ensejo para a sôbremesa!»



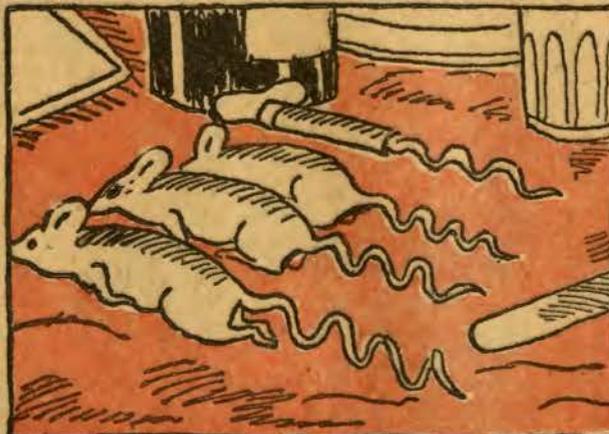
E logo — (rôl-rôl...) — roeram no dito; mas, nisto, é que foi o bom e bonito!

Surge o Dom Miáu — que atrapalhação — e eis bradam: — «mau, mau!... Não há salvação!...»



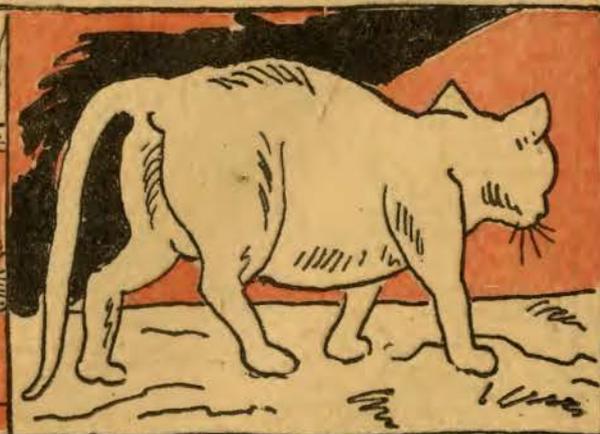
Mas vendo na mesa um bom saca-rôlhas, diz um, com surpresa, ao outro: — «o que olhas?!...»

Não vês mestre Gato que vem para aqui?!... Responde-lhe o rato, Sereno: — «já vi!»



Deita-se ao comprido, põe-se nas encôlhas, de rabo torcido como o saca-rôlhas.

E os outros, ao cabo, imitando o mano, torceram o rabo. Vem, nisto, o bichano,



salta para a mesa. Vendo-os nas encôlhas, clama com surpresa: — «Quatro saca-rôlhas!...»

E vai-se à procura dos ratos ladinos, fazendo, meninos, bem triste figura!